

---

scroll down for english

---

•Antonio Brasil Marubo

5

# PATAMARES CELESTES

O cosmograma apresenta os patamares celestes, todos interligados por um caminho-espírito (*yove vai*) utilizado por xamãs para seus deslocamentos, bem como pelos espíritos-chefe de maloca, que estão nas portas de suas casas portando lanças. As repetições de patamares são comuns nas explicações cosmológicas dos Marubo, que dizem ser “duplos” uns dos outros. De baixo para cima: 1. Morada do Céu Morte; 2. Morada do

Céu Sangue; 3. Morada do Céu Azulão; 4. Morada do Céu Desenho; 5. Morada do Céu Azulão, duplo; 6. Morada do Céu Sangue; 7. Morada do Céu Azulão, duplo; 8. Morada do Céu Desenho; e 9. Morada do Céu-Névoa.

6

## PATAMARES TERRESTRES

O cosmograma apresenta os patamares terrestres, também atravessados pelo caminho-espírito percorrido pelos xamãs, bem como pelos espíritos-donos de malocas com suas respectivas lanças. De baixo para cima: 1. Morada da Terra Morte (*Vei Mai Shavaya*); 2. Morada da Terra Branco (*Mai Osho Shavaya*); 3. Morada da Terra Japó (*Rovo Mai Shavaya*); 4. Morada da Terra Sangue (*Imi Mai Shavaya*); 5. Morada da Terra Adorno (*Rane Mai Shavaya*); 6. Morada da Terra Arara (*Kana Mai Shavaya*); 7. Morada da Terra Desenho (*Mai Kene Shavaya*); 8. Morada da Terra Névoa (*Koin Mai Shavaya*).

•Armando Mariano Marubo

15

# O CAMINHO-MORTE (VEI VAI)

O caminho-morte parte da morada desta terra (maloca cinzenta do topo), muito embora esteja orientado de cima para baixo. Em um círculo vermelho, está a colina que inicia o caminho, atravessado em ziguezague por troncos-morte, ossos de anta-morte, ossos e costelas de cobras-morte, sobre os quais o duplo do morto vai pisando sem poder encostar no chão. No início e no centro do caminho está o duplo do morto; nas bordas, escurecidos, estão os espectros-morte e o fogo-morte, em amarelo. À esquerda de quem parte, o caminho é ladeado por mamão-morte, banana-morte, batata-doce-morte, pupunha-morte e capim-morte. À direita, há abóbora-morte, mandioca-morte, milho-morte, abacaxi-morte, inhame-morte e ingá-morte. Cruzando o

caminho após esta sequência de alimentos está o tronco de samaúma-morte. Em seguida, está o tronco de taboca-morte e o cesto-morte (círculo colorido), que gira e desnorteia o morto desavisado. À direita, em vermelho, está o cacau-morte e à esquerda, em cinza, outro cacau-morte. O círculo cinzento à direita é um cupinzeiro, no qual um duplo incauto se transformou. Em preto, no meio do caminho, estão as crianças-morte. Seguem à direita os frutos manichi-morte e yae-morte, além dos espectros-morte, desenhados em azul nas beiras do trajeto.

O caminho segue ladeado por frutas, tais como maracujá-morte (à direita) e sapota-morte (à esquerda). Dividindo o caminho, está o rio-morte e o tronco-morte, que engana o duplo que o tenta atravessar. Atrapalhado, o duplo que cai nas águas será retalhado por caranguejo, camarão e concha-morte. Em seguida, à direita, uma árvore que contém em seus galhos jenipapo-morte, sapota-morte e bacuri-morte; à esquerda, caucho-morte, amarelo e vermelho.

A pessoa dentro de um círculo no meio do caminho é Coruja Morte, que conhece as mentiras do morto e o flecha. Em seguida, à direita, coqueiro-morte. É aí que os membros do povo Macaco-Barrigudo desviam e tomam seu próprio caminho. À esquerda, a árvore de frutos incolores é da fruta adocicada ãcho-morte; os frutos amarelos são bacuri-morte e, no meio do caminho, estão os espinhos-morte, em seguida ladeados pelas gigantescas urtigas-morte, em cujo centro está a maloca sobre a qual Macaco Preto Morte espera os duplos para devorá-los. O dono da maloca, Veshko, espera a pessoa entrar, convida para deitar na rede e a joga então em seu caldeirão fervente repleto de ossos e cadáveres. As Mulheres Morte aguardam o safado, nas duas colinas representadas pelos círculos que as envolvem. O caminho segue com seus perigos. À direita, o açai-morte prende a mulher fútil com suas miçangas e adornos de aruá. À esquerda, sentado dentro de seu buraco, Tatu Morte aguarda pelo morto. No centro está Txao Morte, uma

pessoa boa que mostrará ao passante bem sucedido o caminho a ser percorrido dali em diante. As mulheres Tome-Papagaio estão logo acima, e anunciam: “*uuu*, venham ver o parente que chegou!”. Daí em diante, a pessoa percorrerá seu caminho até o “pedaço de cobra-morte”, nome ritual para as colinas a partir das quais se chega nas malocas dos duplos dos olhos, que vivem no final do trajeto.

14

## OS MESTRES DOS ANIMAIS

O desenho segue um esquema cartográfico preciso: abaixo está a região do sol nascente; acima, a do sol poente. À esquerda, a região sul e, à direita, a região norte. No meio da composição, Armando coloca o sol do meio-dia. Os *Minshō*, donos dos animais (*yoñi ivorasin*), se distribuem

por estas regiões, em suas respectivas moradas, distinguidas pelas cores. As posições são marcadas pelos distintos classificadores que organizam o sistema social e a cosmologia marubo:

SO

O

NO

**Jaguar (*Ino*)**  
Mĩshõ-Jaguar (*Ino Mĩshõ*)

**Arara (*Kana*)**  
Mĩshõ-Arara (*Kana Mĩshõ*)

**Japó (*Rovo*)**  
Mĩshõ-Japó (*Rovo Mĩshõ*)

**Cinza (*Koro*)**  
Mĩshõ-Cinza (*Koro Mĩshõ*)

**Sol (*Vari*)**  
Mĩshõ-Sol (*Vari Mĩshõ*)

**Azulão (*Shane*)**  
Mĩshõ-Azulão (*Shane Mĩshõ*)

SE

L

NE

Os seis esquemas pictográficos acima representados podem ser considerados como uma configuração

composta: trata-se de transposições gráficas de fórmulas verbais antroponímicas e toponímicas. Elas indicam, em outros termos, o nome do espírito em questão e o lugar em que ele vive. Transpõem o esquema de surgimento, trajeto e estabelecimento das entidades em questão. As árvores são aquelas que dão surgimento aos espíritos, como indica o círculo traçado em seus troncos. A partir daí, o espírito percorre um caminho que leva à sua morada (maloca ou aldeia), metaforizada como um tronco de árvore. É aí que está a conjunção entre o antropônimo (o espírito em pé) e o topônimo (o tronco de árvore). Cada um dos signos que compõem esses pictogramas corresponde a uma fórmula verbal precisa. O conjunto dos seis pictogramas que forma a composição geral do desenho se refere, por sua vez, à exata distribuição no espaço dos mestres dos animais:



**Ino Mĩshõ**

“surgido do néctar de  
mata-pasto-jaguar”  
 (“ino kapi nãkõsh wenía”)

“no tronco de  
mata-pasto-jaguar/  
lá foi viver”  
 (“ino kapi voro  
masotanáiri/  
nioi kaoi”)

**Kana Mĩshõ**

“surgido do néctar de  
mata-pasto-arara”  
 (“kana kapi nãkõsh wenía”)

“no tronco de  
mata-pasto-arara/  
lá foi viver”  
 (“kana kapi voro  
masotanáiri/  
nioi kaoi”)

**Rovo Mĩshõ**

“surgido do néctar de  
mata-pasto-japó”  
 (“rovo kapi nãkõsh wenía”)

“no tronco de  
mata-pasto-japó/  
lá foi viver”  
 (“rovo kapi voro  
masotanáiri/  
nioi kaoi”)

**Koro Mĩshõ**

“surgido do néctar de  
mata-pasto-cinza”  
 (“koro kapi nãkõsh wenía”)

“no tronco de  
mata-pasto-cinza/  
lá foi viver”  
 (“koro kapi voro  
masotanáiri/  
nioi kaoi”)

“surgido do néctar de  
mata-pasto-sol”  
 (“vari kapi nãkõsh wenía”)

“no tronco de  
mata-pasto-sol/  
lá foi viver”  
 (“vari kapi voro  
masotanáiri/  
nioi kaoi”)  
**Vari Mĩshõ**

“surgido do néctar de  
mata-pasto-azulão”  
 (“shane kapi nãkõsh wenía”)

“no tronco de  
mata-pasto-azulão/  
lá foi viver”  
 (“shane kapi voro  
masotanáiri/  
nioi kaoi”)  
**Shane Mĩshõ**

• Paulino Joaquim Marubo

2 [FRENTE]

# POVO DA TERRA NÉVOA (KOIN MAI NAWAVO)

Estão aí os espíritos demiurgos  
fazedores da Terra Névoa, último dos  
patamares terrestres. Eles não têm  
pernas, pois permanecem sempre  
suspensos no vento portando as suas  
lanças, bem como cocares e colares  
de dentes de onça. Após nomeá-los,  
Paulino apresenta também alguns dos  
vegetais psicoativos que lhes servem  
de alimento, além da anta-névoa, que  
serve de metonímia para toda a fauna  
existente naquele mundo outro.

*Atõ yanika paero Koĩ Shõpa,  
Koĩ Kapi, Koĩ Rome, Koĩ Oni*

As suas drogas de alimentação são  
o Lírio Névoa, o Mata-Pasto Névoa,  
o Rapé Névoa e a Ayahuasca Névoa

*Koa Voã , Koin Nesa, Vari Nesa,*

*Tao Ipo*

Koa Voã, Koin Nesa, Vari Nesa,  
Tao Ipo

*Ino Nesa, Kana Nesa, Koĩ Mai*

*weshõ shoviya yora ivaivaishnavo*

Ino Nesa, Kana Nesa, são mesmo  
as pessoas que foram há tempos  
fazendo com o vento a Terra Névoa

*Naro Koin Awávere*

Esta é mesmo a Anta Névoa

1  
PILARES  
TERRESTRES  
(KOIN MAI)

No verso do desenho, Paulino elaborou um cosmograma da Terra Névoa, cercada por um rio e por pilares que a sustentam (representados pelos traços verticais e horizontais).

*Naro mai shoviya. Naro mai ene  
nonoa. Koin mai we txiwámashõ  
rakãtivo.*

Este é o surgimento da terra. Este é o rio que dá a volta na terra. Há tempos eles a assentaram, segurando-a com o Vento da Terra Névoa

2 [FRENTE]

# POVO DA TERRA-NÉVOA (MAI KOIN NAWAVO)

Estão aí desenhados alguns dos animais existentes na Terra Névoa (faixa superior), tais como a onça névoa (*koin kamã*), o pássaro névoa (*koin chai*) e a cobra névoa (*koin rono*). Na faixa intermediária, estão três dos habitantes daquela terra (*Mai Koin Nawavo*), com suas lanças, pinturas corporais, bandoleiras e colares de dentes de onça (na figura da direita, de contornos amarelo). Na faixa inferior, estão os habitantes do rio Névoa (*Ene Koin Nawavo*), também com suas lanças, colares e bandoleiras (em uma das figuras, em vermelho).

*Mai Koin Shavaya, Naí Koin*

*Nawavo anõ vesokãia*

Morada da Terra Névoa,

Povo da Terra Névoa, o seu lugar

de despertar

16 [VERSO]

# POVO DA TERRA-NÉVOA (MAI KOIN NAWAVO)

Habitantes da Morada da Terra Névoa  
diante de suas malocas, portando  
lanças, cocares e colares de dentes  
de onça.

3 [FRENTE]

# A MALOCA DE KANA VOÃ

Em sua composição, Paulino  
se utilizou do mesmo esquema  
pictográfico empregado por Armando

em seus desenhos: abaixo, o círculo representa o lugar de surgimento do demiurgo Kana Voã e de seus pares, que percorrem então um trajeto até se estabelecerem em suas casas (à esquerda, em amarelo, está Kana Voã; à direita, seu sobrinho Roin Iso).

19 [VERSO]

## A MALOCA DE KANA VOÃ

*Naro Kana Voãne shovo,  
wetsaro Roin Iso shovovere*  
Essa é a maloca de Kana Voã,  
a outra é de Roin Iso

*Awen awe weníasvi Kana Voãne  
shavõtoaki Roin Isonã*  
Aquele que surgiu junto com ele é  
o sobrinho de Kana Voã, Roin Iso

*Mai nãkosho wenímarivi Kana Voã,  
Koin Voã*  
Kana Voã e Koin Voã não surgiram  
mesmo do néctar da terra

*Pikashea, Otxoko, ati yora mai  
nãkosho wenímarivi*  
Pikashea, Otxoko, essas  
pessoas não surgiram mesmo  
do néctar da terra

*Koin Mai We chinkirina  
atõsho wenírivi*  
Eles surgiram mesmo na espiral  
de vento da Terra Névoa

*Mã tanai? Yoáyoákawãrivi taisnã*  
Vocês entenderam? Talvez  
pareça bobagem o que digo...

4 [FRENTE]

# DEMIURGOS KANÃ MARI

*Kana Voãro yora vevoke. Kanã  
Mariro txipo weníya*  
Kana Voã é gente mais velha.  
Kanã Mari surgiu depois

*Naro Kanã Mari txipo shovisho.  
Naive mai shovimaya*

Este é Kanã Mari que surgiu  
depois. Fazedor do céu e da terra

*Ivaivainavo Kanã Mari*

*yoã ãtsasevi*

Assim é mesmo Kanã Mari.

Há sobre ele muitas histórias

*Naro Kanã Mari shovo.*

*Naro anõ weníya*

Esta é a maloca de Kanã Mari.

Isto é para fazer surgimento

18 [VERSO]

# DEMIURGOS KANÃ MARI

Os demiurgos Kanã Mari foram responsáveis por estragar a terra outrora melhor feita por Kana Voã e seus pares, de quem são concebidos como espécies de irmãos mais novos. Estão aí desenhados como chefes que portam suas lanças e seus adornos corporais. No desenho do verso, o mesmo esquema pictográfico é empregado: os



espíritos têm seu surgimento em um círculo para, em seguida, percorrerem um trajeto que levará às suas moradas. A história de Kanã Mari e dos demais espíritos fazedores da terra, apresentados na sequência, é contada na longa narrativa *Kanã Mari Mai Vana*, “Kanã Mari – A fala da Terra”.

7

# SERRARAM JACARÉ ANTIGAMENTE (KAPE RERAYAVO)

Em um determinado momento da viagem dos antigos a partir de seu local de surgimento, eles se deparam com a Ponte Jacaré, um monstro repleto de alimentos plantados em suas costas, que atravessa as duas margens do grande rio *noa* (Amazonas). Os chefes e pajés decidem atravessar primeiro. Quando os insensatos estão no meio da ponte

monstruosa, cortam o seu pescoço, assim fazendo com que eles caiam nas águas e sejam mortos pelas lâminas aquáticas.

8

## ENCONTRARAM A PONTE JACARÉ ANTIGAMENTE (KAPE TAPÃ MERAYAVO)

Vemos aí os antepassados responsáveis por encontrar a Ponte Jacaré, que atravessa as duas margens do grande rio *noa*.

9

## PAJÉ VARI MÃKO

Vari Mãko é um pajé que viveu nos tempos antigos.

10 / 11

# COMERAM OVOS DO PÁSSARO- QUEIXADA ANTIGAMENTE

Os desenhos mostram os antigos que encontraram os ovos do pássaro queixada (*yawa chai*), que são comidos em uma refeição coletiva. Os antigos então se transformam nos atuais porcos queixada. A história é narrada pelo canto *Yawa ativo* (“Transformaram-se em queixadas antigamente”).

12

# PAJÉ SAMAÚMA (SHONO ROMEYA)

Pajé Samaúma viajava com suas filhas em busca de caça. Ao encontrar porcos do mato, decide se embrenhar por uma trilha que, no

entanto, levava à casa de inimigos. Os inimigos o atacam e o pajé fica com corpo crivado de flechas. Ele resiste durante algum tempo, até ser esquartejado. Seu duplo sobrevive e segue cantando belos cantos.

13

# FLECHARAM GAVIÃO (TETE TEKA)

A história narra o encontro dos antigos com um gavião gigante que devorava os humanos. Os antigos decidem então matar o gavião com suas zarabatanas.

---

• Antonio Brasil Marubo

5

PATAMARES  
CELESTES  
[CELESTIAL  
PLATEAUS]

*The cosmogram shows the celestial plateaus, all interconnected by a spirit-path (yove vai) used by shamans in their travels, as well as by the maloca chief-spirits, who are at the doors of their houses carrying spears. Repetitions of plateaus are common in Marubo cosmological explanations, which are said to be “doubles” of each other. From bottom to top: 1. Dwelling of Death Sky; 2. Dwelling of Blood Sky; 3. Dwelling of Ultramarine Grosbeak Sky; 4. Dwelling of Drawing Sky; 5.*

*Dwelling of Ultramarine Grosbeak Sky, double; 6. Dwelling of Blood Sky; 7. Dwelling of Ultramarine Grosbeak Sky, double; 8. Dwelling of Drawing Sky; and 9. Dwelling of Fog Sky.*

6

# PATAMARES TERRESTRES [TERRESTRIAL PLATEAUS]

*The cosmogram shows the terrestrial plateaus, also traversed by the spirit-path taken by the shamans, as well as by the maloca spirit-owners with their respective spears. From bottom to top: 1. Dwelling of Death Land (Vei Mai Shavaya); 2. Dwelling of White Land (Mai Osho Shavaya); 3. Dwelling of Oropendola Land (Rovo Mai Shavaya); 4. Dwelling of Blood Land (Imi Mai Shavaya); 5. Dwelling of Adornment Land (Rane Mai Shavaya); 6. Dwelling of*

*Macaw Land (Kana Mai Shavaya); 7. Dwelling of Drawing Land (Mai Kene Shavaya); 8. Dwelling of Fog Land (Koin Mai Shavaya).*

• Armando Mariano Marubo

15

# O CAMINHO- MORTE [THE DEATH-PATH] (VEI VAI)

*The death-path starts from the dwelling of this land (gray maloca at the top), even though it is oriented from top to bottom. In a red circle, there is the hill that starts the path, crossed in a zigzag pattern by death-logs, bones of death-tapir, bones and ribs of death-snakes, over which the dead's double steps without being able to touch the ground. At the beginning and*

at center of the path is the dead's double; at the edges, darkened, are the death-specters and the death-fire, in yellow. To the left of those who depart, the path is flanked by death-papaya, death-banana, death-sweet potato, death-peach palm and death-grass. On the right, there are death-pumpkin, death-manioc, death-corn, death-pineapple, death-yam and death-inga. Crossing the path after this sequence of food items is the trunk of the death-samauma. Next, is the trunk of the death-taboca and the death-basket (colored circle), which rotates and bewilders the unwary dead person. On the right, in red, is the death-cocoa and on the left, in gray, another death-cocoa. The gray circle on the right is a termite mound, in which an incautious double has turned into. In black, in the middle of the road, are the death-children. On the right are the fruits death-manichi and death-yae, in addition to the death-specters, drawn in blue on the edges of the path.



*The path continues flanked by fruits such as death-passion fruit (on the right) and death-mamey sapote (on the left). Dividing the path, there is the death-river and the death-trunk, which deceives the double that tries to cross it. Clumsy, the double that falls into the water will be shredded by death-crab, shrimp and shellfish. Continuing, on the right, there is a tree that contains death-genipap, death-mamey sapote, death-bacuri in its branches; on the left, death-rubber, yellow and red.*

*The person inside the circle in the middle of the path is the Death Owl, who knows the dead person's lies and strikes him/her with an arrow. Next, on the right, there is a death-coconut tree. It's there that the Brown Woolly Monkey people divert and take their own path. On the left, the colorless fruit tree is of the death-ãcho sweet fruit; the yellow fruits are death-bacuri and, in the middle of the path, there are death-spikes, flanked next*

*by giant death-urtigas, in whose center the Death Black Monkey awaits the doubles to devour them. The owner of the maloca, Veshko, awaits for the person to come in, invites him/her to lay down in the hammock and throws him/her in the boiling cauldron filled with bones and corpses. The Death Women await the bastard, in the two hills represented by the circles that surround them. The path continues with its dangers. On the right, the death-açaí holds the futile woman with her beads and golden apple snail adornments. On the left, sitting inside his hole, the Death Armadillo awaits the dead. At the center is the Death Txao, a nice person that will show the successful passer-by the way forward. The Tome-Parrot women are right above, and announce: “uuu, come see the relative who has arrived!”. From then on, the person will make his way until the “death-snake piece”, a ritual name for the hills from which one arrives at the maloca of the*

*double eyes, which live at the end of the path.*

14

# OS MESTRES DOS ANIMAIS [THE MASTERS OF THE ANIMALS]

*The drawing follows a precise cartographic scheme: below is the region of the rising sun; above, that of the setting sun. On the left, the southern region and, on the right, the northern region. In the middle of the composition, Armando places the midday sun. The Minshō, owners of the animals (yoīni ivorasin), are distributed over these regions, in their respective dwellings, distinguished by their colors. The positions are marked by the different classifiers that organize the Marubo social system and cosmology:*

SW

W

NW

**Jaguar (Ino)**  
Mĩshõ-Jaguar (*Ino Mĩshõ*)

**Macaw (Kana)**  
Mĩshõ-Macaw (*Kana Mĩshõ*)

**Oropendola (Rovo)**  
Mĩshõ-Oropendola (*Rovo Mĩshõ*)

**Gray (Koro)**  
Mĩshõ-Gray (*Koro Mĩshõ*)

**Sun (Vari)**  
Mĩshõ-Sun (*Vari Mĩshõ*)

**Ultramarine  
Grosbeak (Shane)**  
Mĩshõ-Ultramarine  
Grosbeak (*Shane Mĩshõ*)

SE

E

NE

*The six pictographic schemes represented above can be considered as a composite configuration: they are graphical transpositions of anthroponymic and toponymic verbal formulas. They indicate, in other terms, the name of the spirit in question and the place*

*where he/she lives. They transpose the scheme of emergence, trajectory and establishment of the entities in question. The trees are those that allow the spirits to arise, as indicated by the circle drawn on their trunks. From there, the spirit follows a path that leads to its dwelling (maloca or village), metaphorized as a tree trunk. Therein lies the conjunction between the anthroponym (the standing spirit) and the toponym (the tree trunk). Each one of the signs that make up these pictograms corresponds to a precise verbal formula. The set of the six pictograms that form the overall composition of the drawing, in turn, refers to the exact distribution in space of the masters of the animals:*

SW

W

NW

**Ino Mīshō**

“emerged from the woods-  
pasture-jaguar nectar”  
(“*ino kapi nākōsh wenía*”)

“in the trunk of  
woods-pasture-jaguar/  
he/she went to live  
(“*ino kapi voro  
masotanáiri/  
nioi kaoi*”)

**Kana Mīshō**

“emerged from the woods-  
pasture-macaw nectar”  
(“*kana kapi nākōsh wenía*”)

“in the trunk of  
woods-pasture-macaw/  
he/she went to live”  
(“*kana kapi voro  
masotanáiri/  
nioi kaoi*”)

**Rovo Mīshō**

“emerged from the  
woods-pasture-oropendola  
nectar”  
(“*rovo kapi nākōsh wenía*”)

“in the trunk of  
woods-pasture-oropendola/  
he/she went to live”  
(“*rovo kapi voro  
masotanáiri/  
nioi kaoi*”)

**Koro Mīshō**

“emerged from the  
woods-pasture-gray  
nectar”  
(“*koro kapi nākōsh wenía*”)

“in the trunk of  
woods-pasture-gray/  
he/she went to live”  
(“*koro kapi voro  
masotanáiri/  
nioi kaoi*”)

“emerged from the  
woods-pasture-sun  
nectar”  
(“*vari kapi nākōsh wenía*”)

“in the trunk of  
woods-pasture-sun/  
he/she went to live”  
(“*vari kapi voro  
masotanáiri/  
nioi kaoi*”)  
**Vari Mīshō**

“emerged from the  
woods-pasture-ultramarine  
grosbeak”  
(“*shane kapi nākōsh wenía*”)

“in the trunk of  
woods-pasture-sun/  
he/she went to live”  
(“*shane kapi voro  
masotanáiri/  
nioi kaoi*”)  
**Shane Mīshō**

SE

E

NE

• Paulino Joaquim Marubo

2 [Front]

POVO DA  
TERRA NÉVOA  
[FOG LAND  
PEOPLE] (KÖIN  
MAI NAWAVO)

*Here are the demiurge spirits that make the Fog Land, the last of the terrestrial plateaus. They have no legs, as they remain always suspended in the wind carrying their spears, as well as headdresses and jaguar teeth necklaces. After naming them, Paulino also presents some of the psychoactive greens that serve as food for them, in addition to the fog-tapir, which serves as a metonym for all the fauna existing in that other world.*

*Atõ yanika paero Koĩ Shõpa, Koĩ Kapi, Koĩ Rome, Koĩ Oni*

*Their food drugs are the Fog Lily, the Woods-Pasture-Fog, the Fog*

*Snuff and the Fog Ayahuasca*

*Koa Voã , Koin Nesa, Vari Nesa,  
Tao Ipo*

*Koa Voã, Koin Nesa, Vari Nesa,  
Tao Ipo*

*Ino Nesa, Kana Nesa, Koĩ Mai  
weshõ shoviya yora ivaivaishnavo  
Ino Nesa, Kana Nessa, are really  
the people that from a long time  
ago were making the Fog Land  
with the wind*

*Naro Koin Awávere  
This is really the Fog Tapir*

1

PILARES  
TERRESTRES  
[TERRESTRIAL  
PILLARS] (KOIN MAI)

*On the back of the drawing, Paulino  
made a cosmogram of the Fog Land,  
surrounded by a river and by pillars*



*that support it (represented by vertical and horizontal lines).*

*Naro mai shoviya. Naro mai ene nonoa. Koin mai we txiwámashõ rakãtivo.*

*This is the emergence of the land. This is the river that goes around the land. Long ago they set it down, holding it with the Wind of the Fog Land.*

2 [Front]

POVO DA  
TERRA NÉVOA  
[FOG LAND  
PEOPLE] (MAI KOIN  
NAWAVÔ)

*Here are drawn some of the animals that exist in the Fog Land (upper band), such as the fog jaguar (koin kamã), the fog bird (koin chai) and the fog snake (koin rono). In the middle range, there are three of the inhabitants of that land*

*(Mai Koin Nawavo), with their spears, body paintings, bandoliers and jaguar teeth necklaces (in the right figure, with yellow outlines). In the lower range are the inhabitants of the Fog River (Ene Koin Nawavo), also with their spears, necklaces and bandoliers (in one of the figures, in red).*

*Mai Koin Shavaya, Naí Koin  
Nawavo anõ vesokãia  
Dwelling of the Fog Land,  
People of the Fog Land, your  
place of awakening.*

16 [Back]

POVO DA TERRA  
NÉVOA [FOG LAND  
PEOPLE] (MAI  
KOIN NAWAVO)

*Inhabitants of the Dwelling of the  
Fog Land in front of their malocas,  
carrying spears, headdresses and  
jaguar teeth necklaces.*

3 [Front]

# A MALOCA DE KANA VOÃ [KANA VOÃ'S MALOCA]

*In his composition, Paulino used the same pictographic scheme employed by Armando in his drawings: below, the circle represents the place of emergence of the demiurge Kana Voã and his peers, who then follow a path until they settle in their houses (on the left, in yellow, is Kana Voã; on the right, his nephew Roin Iso).*

16. [Back]

# A MALOCA DE KANA VOÃ [KANA VOÃ'S MALOCA]

*Naro Kana Voãne shovo,  
wetsaro Roin Iso shovovere  
This is Kana Voã's maloca, the  
other one is Roin Iso's*

*Awen awe weníasvi Kana Voãne  
shavõtoaki Roin Isonã*

*The one who emerged with him  
is Kana Voã's nephew, Roin Iso*

*Mai nãkosho wenímarivi Kana  
Voã, Koin Voã*

*Kana Voã and Koin Voã didn't  
emerge from the same nectar  
of the earth*

*Pikashea, Otxoko, ati yora mai  
nãkosho wenímarivi*

*Pikashea, Otxoko, these people  
didn't emerge from the same  
nectar of the earth*

*Koin Mai We chinkirina  
atõsho wenírivi*

*They really emerged from the  
wind spiral of the Fog Land*

*Mã tanai? Yoáyoákawãrivi taisnã  
Did you understand? Perhaps it  
seems silly what I say...*

4 [Front]

# DEMIURGOS KANÃ MARI [KANÃ MARI DEMIURGES]

*Kana Voãro yora vevoke.  
Kanã Mariro txipo weníya  
Kana Voã is older people.  
Kanã Mari emerged later*

*Naro Kanã Mari txipo shovisho.  
Naive mai shovimaya  
This is Kanã Mari that emerged  
later. Maker of the sky and  
the earth*

*Ivaivainavo Kanã Mari  
yoã ãtsasevi  
That's really how Kanã Mari is.  
There are many stories  
about him*

*Naro Kanã Mari shovo.  
Naro anõ weníya  
This is Kanã Mari's maloca.  
This is for making emergence*

18 [Back]

DEMIURGOS

KANÃ MARI

[KANÃ MARI

DEMIURGES]

*The Kanã Mari demiurges were responsible for spoiling the land once best made by Kana Voã and his peers, who are conceived as a sort of younger brother. There they are depicted as chiefs who carry their spears and their bodily adornments. In the drawing on the back, the same pictographic scheme is employed: the spirits emerge in a circle and then travel along a path that will lead to their dwellings. The story of Kanã Mari and other earth-making spirits, presented in the sequence, is told in the long narrative Kanã Mari Mai Vana, “Kanã Mari – The Earth Speech”.*

7

SERRARAM  
JACARÉ  
ANTIGAMENTE  
[THEY SAWED  
THE ALLIGATOR  
IN THE PAST]  
(KAPE RERAYAVO)

*At a certain point in the ancients' journey from their place of origin, they come across the Alligator Bridge, a monster full of food planted on its back, which crosses the two banks of the great river noa (Amazon). The chiefs and shamans decide to cross first. When the fools are in the middle of the monstrous bridge, they cut the monster's neck, thus causing them to fall into the water and be killed by the water blades.*

8

ENCONTRARAM  
A PONTE JACARÉ  
ANTIGAMENTE  
[THEY FOUND  
THE ALLIGATOR  
BRIDGE IN THE  
PAST] (KAPE TAPÃ  
MERAYAVO)

*Here we see the ancestors  
responsible for finding the Alligator  
Bridge, which crosses the two  
margins of the great river noa.*

9

PAJÉ  
VARI MÃKO

*Vari Mãko is a shaman that lived in  
the ancient times.*



10/11

COMERAM OVOS  
DO PÁSSARO-  
QUEIXADA  
ANTIGAMENTE  
[THEY ATE BIRD-  
PECCARY EGGS  
IN THE PAST]

*The drawings show the ancient ones who found the eggs of the peccary bird (yawa chai), which are eaten at a collective meal. The ancient ones then transform themselves into the living white-lipped peccary pigs. The story is narrated by the Yawa ativo song (“They Transformed themselves into Peccaries in the Past”)*

12

PAJÉ SAMAÚMA  
(SHONO ROMEYA)

*Samauma Shaman traveled with his daughters in search of game. Upon*

*encountering wild boars, he decides to take a path that led, however, to the house of enemies. The enemies attack him and the shaman's body is riddled with arrows. He resists for some time, until it is dismembered. His double survives and goes on singing beautiful songs.*

13

FLECHARAM  
GAVIÃO [THEY  
ARROWED HAWK]  
(TETE TEKA)

*The story narrates the encounter of the ancient ones with a giant hawk that devoured humans. The ancient ones then decide to kill the hawk with their blowguns.*